

A COPA DE TODOS NÓS

por Antônio Eduardo Baggio

Desde os anos 30 o Brasileiro convive com a mística da conquista da Copa do Mundo, como se a afirmação do valor da nossa nação pudesse ser feita através da nossa transformação em potência futebolística, nos ajudando a entrar em um seleto grupo de países desenvolvidos. Depois da perda da Copa de 1950, aflorou com maior vigor o nosso complexo de "vira-latas" como bem percebeu Néelson Rodrigues, na ocasião. E nem 5 Copas do Mundo conquistadas conseguiram extirpá-lo definitivamente do subconsciente Nacional.

Agora, 64 anos depois, novamente como patrocinadores em casa de uma Copa do Mundo, o Brasil tenta outra vez se valorizar como nação perante o mundo, através de uma provável nova conquista no futebol, mas tendo que se utilizar perante o público interno, do apelo de argumentos secundários, como os "legados de obras da Copa" para tentar justificar a fortuna gasta para sediar os jogos, com obras contratadas a peso de ouro, em concorrências de última hora, com prazos estabelecidos em cima do laço, beneficiando os empreiteiros-financiadores de campanha dos políticos de plantão. Dá-se o circo e garante-se o pão na outra mão.

Enquanto flagrantemente o país sofre com a criminalidade generalizada, o caos na saúde pública, a falta de infraestrutura básica como saneamento, habitação e transportes. E não é falta de dinheiro. O país tem uma das 6 maiores arrecadações de impostos do mundo!!

Essa Copa acontece, num momento em que economicamente o país não apresenta indicadores minimamente saudáveis. Num momento em que politicamente o governo é contestado pelas suas muitas e proverbiais promessas e poucas realizações e confrontado com o mau exemplo de comportamento dos seus líderes e seus exemplares desdobramentos judiciais.

Ao mesmo tempo em que o Brasileiro se volta eufórico para a nossa seleção, com a possibilidade da conquista de um sexto título*, sente-se no ar uma trégua no espírito dos Brasileiros para com os problemas incômodos da política, que deverão estar sendo encarados inevitavelmente logo adiante. O país vive um tempo de mudanças e a copa é um refresco, uma pausa antes do embate que a sociedade terá que realizar para definir que país queremos. O de faz-de-conta Campeão de Copas, ou o Campeão de Copas, campeão do progresso?

As sociedades bem sucedidas no mundo, são as sociedades progressistas em que seus cidadãos fruem das suas benesses e dos seus direitos péticos, mas não sem antes entregar à essa mesma sociedade os seus deveres bem cumpridos. Não existe, nem pode existir almoço de graça em qualquer sociedade que se pretenda justa, por que senão, alguém terá que ter trabalhado mais para saciar a fome de quem não produziu. E isso só é válido e moralmente aceitável quando envolve a subsistência de crianças, idosos e deficientes. Ou em tempos de guerras. Coisa que felizmente não conhecemos.



Antônio Eduardo Baggio
Presidente

Transferir a outrem o fruto do trabalho de alguém é imoral como tem sido feito pelos programas ditos de inclusão social. Inclusão de que? Votos somente? Esses programas eleitoreiros, estão plantando no imaginário coletivo do país uma equação com a noção errada dos haveres, com os seus direitos, méritos e solidariedade, esquecendo a parcela da equação na qual entram os deveres, como o trabalho, a honra, a decência e a honestidade.

Tudo isso consuetudinado por uma nova classe de amanuenses dos três poderes - muitos sem experiência profissional mas com filiação partidária ou ideológica e certamente regiamente bem pagos - sempre prontos a defender o cidadão-eleitor contra as forças produtivas pertencentes às "elites" e à "burguesia"- aquela parcela da sociedade que produz e paga impostos, da qual faz parte a chamada classe média, tão vilipendiada e tão aspirada e invejada -.

Governos montados sobre pilares sociais insustentáveis como alguns que o Brasil construiu depois da constituição de 1988, tendem a se aparelhar para manter dividindo a pouca ração disponível - num novo tipo de clientelismo - sem criar novas riquezas para a população. Sabemos como nasceu e como morreu esse tipo de sociedade no mundo.

O Brasil deste 2014 precisa encontrar governantes desassombrados que promovam as reformas profundas de que o país necessita para transformá-lo de promessa em realidade. Realidade que um dia permita ao Brasileiro chutar para longe, definitivamente, esse complexo de "vira-latas".

Busquemos um candidato decente, aquele com um programa de governo que tenha o compromisso de fazer da sua gestão uma perene Copa do Mundo na qual todos nós joguemos com igualdade, decência, competência e da qual a nação possa sair vencedora, fraterna e progressista.

*escrito antes do jogo Brasil x Alemanha.

